

ATÉ QUANDO OS CEGOS CONTINUARÃO SONHANDO?

Jacques Fux¹

RESUMO

*Este artigo analisa o livro *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe, traçando relações possíveis com os testemunhos de primeira, segunda e terceira ordem, a questão do diário e das memórias de infância das gerações vindouras. O livro é dividido em três partes principais: “O diário de Lili Jaffe”, onde são apresentados os escritos da sobrevivente e mãe da autora; “O que os cegos estão sonhando?”, comentários testemunhais da autora sobre o diário da mãe e de sua visita a Auschwitz em 2009; “Aqui, lá”, onde a neta da sobrevivente escreve sobre suas impressões da visita a Auschwitz e de seu legado enquanto terceira geração da Shoah.*

Palavras-chave: *Diário; primeira, segunda e terceira ordem testemunhais; memória de infância.*

ABSTRACT

*This article analyzes the book *O que os cegos estão sonhando?*, by Naomi Jaffe, tracing possible relations with the first, second and third Holocaust offspring and the diary of a Holocaust survivor. The book is divided into three main parts: “The Diary of Lili Jaffe”, in which appears the writings of the survivor and mother of the main author, “O que os cegos estão sonhando?”, where Noemi Jaffe comments about her mother’s diary and her visit to Auschwitz in 2009, “Aqui, lá,” where the survivor’s granddaughter writes about her impressions in Auschwitz and her legacy as an offspring of the Shoah.*

Keywords: *Diary; first, second and third testimony generation; childhood memories.*

Introdução

A hibridez, lucidez e o testemunho dos diversos textos presentes no livro *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe, permite construir inúmeras relações. Podemos estudar, primeiramente, a questão do diário de uma jovem sobrevivente de Auschwitz – Lili Jaffe, que antes de querer revirar a memória e o sentido das coisas, busca somente “mostrar” à sua filha o que aconteceu com ela, sem muito sentimentalismo (quase beirando o ‘relato’ de um muçulmano dos campos), sem muito questionamento e sofrimento, apesar de sua latente existência. Lili Jaffe, percebemos através do seu diário, busca informar à sua filha mais nova, e talvez a mais interessada, o que passou nos campos, não se considerando especial, diferente ou mártir, apenas aceitando o que o destino lhe reservou. Posteriormente, lemos o que esse diário comunicou dolorosamente à sua filha Noemi Jaffe e como a autora incorpora fontes biográficas, literárias e teóricas para discutir as limitações da representação da Shoah. A filha, dona de um sofrimento diferente, revela suas entranhas, suas incompreensões e dúvidas em relação à Auschwitz e, sobretudo, à sua mãe. Ao fim do livro encontramos um texto da terceira geração de sobreviventes – Leda Cartum, filha da autora, apresentando suas teorizações, sensações e sentimentos ao visitar Auschwitz. Além disso, a neta escreve sobre o diário de sua avó e suas reflexões sobre a preservação e recepção da Shoah nos dias atuais.

Em oposição a muitas análises patéticas dos testemunhos de sobreviventes, os textos de Noemi e Leda não enveredam nem pela compaixão nem pela indignação barulhenta. Não fazem da tragédia – o real dos campos e do passado de Lili – nenhum drama vistoso que chamaria atenção para os nobres sentimentos do comentador. Perguntam com uma honestidade assombrosa: “Como é ser depois?”. E constataam: “depois engasga” (GAGNEBIN, 2012, orelha).

¹ Harvard University. Cambridge – Massachusetts – EUA. Pós-doutorando Unicamp. Bolsista FAPESP. Email: jacfux@gmail.com.

O diário, aqui de Lili Jaffe, ainda que também calado na possibilidade ficcional, pode ser encarado como um testemunho vivaz. Se o grande problema dos sobreviventes da Shoah é o acesso ao 'real' traumático da experiência vivida – memória que muitas vezes falha, inventa e ficcionaliza a História (qual seria ela?) – essa modalidade de escrita se distancia um pouco desse problema. E a razão para tal reside exatamente num refinar do ajuste de ponteiros temporal, quer dizer, nele, o presente da narração flui numa quase concomitância com os eventos narrados. Isso particulariza o estatuto escritural desse gênero de raco, diferenciando-o de outros acervos de histórias ligadas ao passado, para cuja transformação em narrativa concorre a defasagem do tempo, responsável pelo *flo* das paisagens da memória (COUTINHO, & FUX, 2013, p.219). Memória, lembranças e invenções podem ser encontrados no diário de Lili Jaffe e são discutidos e esmiuçados nos sentimentos de Noemi Jaffe, que, contrariamente à questão do diário, narra o passado e as dores indelévels em seu próprio corpo.

Relembrar e recontar eventos passados, além de acessar a memória voluntária ou involuntária, são problemas vividos e discutidos pela Literatura de Testemunho. No diário de Lili Jaffe, apesar por clamar um não acesso involuntário a memórias e uma não reconstrução traumática de eventos passados, (e até ludibriar) “em oposição a muitos testemunhos da Shoah, como os do Primo Levi ou de Elie Wiesel, por exemplo, as anotações desse diário escrito *a posteriori* não dão lugar a nenhuma compaixão, não elaboram nenhuma teoria da memória” (GAGNEBIN, 2012, orelha), há sim problemas relativos à questão da memória e talvez por uma busca incessante por compaixão (mas não autocomplacência). Ao escrever esse diário para seus descendentes (e para si própria), Lili Jaffe talvez queira ser entendida (e se entender).

O que os cegos estão sonhando? apresenta a busca por algum sentido, pela reconstrução, remodelamento e destruição de memória de três gerações.

Quando chega ao Brasil, Lili, já casada, corta e costura junto com a sogra roupas de crianças que depois são vendidas nas ruas de São Paulo. Noemi, por sua vez, corta e costura com palavras, isto é, gostaria de encontrar um enredo mínimo, um sentido, uma concatenação nas lembranças do passado no presente. No fundo, ela tenta fabricar outro tipo de agasalho. Não mais contra a chuva e o sol, mas contra a brutalidade do real: dor vivida e soterrada da mãe, da impossibilidade da filha e neta compartilharem concretamente essa dor. Palavras da avó, diz Leda Cartum, que devem ser apalpadadas e apalpadadas sem que se possa sentir algo. (GAGNEBIN, 2012, orelha).

O “Diário de Lili Jaffe” relata memórias de uma jovem sobrevivente, ao ter passado por Auschwitz e Ber-

gen-Belsen e, salva pela Cruz Vermelha, ter sido levada à Suécia. Definir infância/juventude e a capacidade de lembrar/entender determinados e específicos acontecimentos é bastante complicado. Porém, é de comum acordo entre os psicanalistas e psicólogos cognitivos, o fato de que a idade de onze anos seria uma primeira fronteira entre o desenvolvimento infantil e sua capacidade de ter memória pessoal. Antes dessa idade, estaríamos em um período de ‘latência’: uma adolescência primitiva que não é capaz de reter e entender muitas informações. Logo depois dessa primeira fase, já teríamos então uma capacidade de abstrair e um vocabulário específico para nomear a própria experiência, habilidades que faltam em crianças mais novas. Além disso, antes desse limiar de onze anos, a criança não teria consciência de todas as suas memórias e muito pouco vocabulário para expressar o trauma vivido (SULEIMAN, 2004). Lili Jaffe, um pouco mais velha, já que escreveu o diário, na Suécia, com 19 anos, confecciona seu testemunho. Estamos, portanto, diante de uma jovem com extrema consciência do que viveu, de uma filha lúcida de sua posição enquanto segunda geração e de uma neta tentando resgatar o que resta do evento, da memória herdada e da representação da catástrofe.

Em relação às crianças sobreviventes da Shoah podemos enumerar três diferentes grupos: crianças muito novas para se lembrarem (em torno de três anos); crianças velhas o suficiente para se lembrarem, mas muito novas para entenderem (entre quatro e dez anos) e crianças velhas o suficiente para se lembrarem, mas muito novas para serem responsáveis (entre onze e quatorze anos). Entender e ser responsável são termos relativos e subjetivos, mas que podem ser indícios para uma primeira abordagem (FUX, 2013, p.461).

Ao estudarmos os relatos, escritos e testemunhos dos sobreviventes primários, quando eram crianças nos Campos de Concentração, percebemos a tentativa de mostrar como se sentiam desamparados nesses lugares terríveis. O testemunho, portanto, seria a busca de expressar, através da linguagem, esse desamparo e carência. Instabilidade de identidade, silêncio, sentimento sempre presente de perda e solidão, falta de lembranças, lacunas em relação à própria juventude e questionamento constante no que se concerne ao *ser judeu*, dominam os discursos dos testemunhos primários (SULEIMAN, 2006). Assim é o diário da jovem Lili: informa, mas tenta, de alguma forma, mostrar o desamparo e a falta de esperança (e muitas vezes a audácia) de uma jovem e indefesa vítima.

Segunda Geração

Jewish second-generation witnesses to the Holocaust rest on such a fiery pillow. Although they were not in Auschwitz, their lives are lived in the shadow of death camps. These witnesses once removed have a plethora of questions about their identity as Jews and as children survivors. The core question for the second generation

remains. What is their connection to the Holocaust? How do they define their relationship to their parents? Their parents suffered, but what have been the effects on the offspring? Where does the second generation fit in the history of the Shoah. For this generation, the Holocaust means the eternal *presence of an absence*, that is those who were murdered in the Shoah (BERGER, 2001, p.1).

Os filhos de sobreviventes da Shoah acabam por viver a dor dos seus pais, mas também são capazes de outras dores. Além da falta de entendimento, tanto em relação ao acontecimento em si, também falta a eles o conhecimento das limitações dos próprios pais. Noemi Jaffe relata, em vários momentos de seu testemunho, esse sofrimento dilacerante: “Ser filho de sobrevivente contém, em algum lugar remoto e inóspito da memória, a tentação de ter estado no lugar do sobrevivente. (...) Uma mãe que sofreu é uma falha histórica, uma inversão torta, que deixa nos filhos uma pequena culpa, uma pequena falta, um sonho ou um pesadelo que se carrega durante o dia, que impede e ao mesmo tempo estimula a vida” (JAFÉ, 2012, p.115). Seria, portanto, uma pulsão de morte ou de vida essa relação com a Shoah e esse desejo quase sádico de substituir sua mãe? Na segunda geração haveria uma necessidade de buscar a expiação da dor vivida pela mãe e a procura exagerada pela proteção e zelo, e talvez repressão, pelas possíveis dores de sua filha e de sua mãe? Hirsch escreve sobre essa geração de Noemi:

Second generation fiction, art, memoir, and testimony are shaped by the attempt to represent the long-term effects of living in close proximity to the pain, depression, and dissociation of persons who have witnessed and survived massive historical trauma. They are shaped by the child’s confusion and responsibility, by the desire to repair, and by the consciousness that the child’s own existence may well be a form of compensation for unspeakable loss. Loss of family, of home, of a feeling of belonging and safety in the world “bleed” from one generation to the next. (HIRSH, 2008, p.112).

A percepção da catástrofe está cravada no corpo dos sobreviventes e na limitação das relações com seus filhos. Essa geração de filhos acaba por receber diversas informações da Shoah, seja pelos pais, silenciados, traumatizados, mudos, seja pelos filmes, livros e imagens, remodeladas pelo tempo e pela historiografia. A representação ludibria, transforma e inventa:

In C. S. Peirce’s tripartite definition of the sign, photographic images are more than purely indexical or contiguous to the object in front of the lens: they are also iconic, exhibiting a mimetic similarity to that object. Combining these two semiotic principles also enables them, quickly, and perhaps too easily, to assume symbolic status, and thus, in spite of the vast archive of

images that the second generation has inherited, a small number of specific images, or kinds of images, have shaped our conception of the event and its transmission. (HIRSH, 2008, p.115)

Há uma necessidade, por parte da segunda e terceira geração, de uma busca por filmes e livros que tratam dos temas da Shoah. Muitos dos sobreviventes não querem, não podem e não conseguem visitar esses locais de catástrofe, mas muitos outros sim. Assim cria-se um marco, um local de peregrinação em uma busca, talvez sádica, por lembranças e compreensões impossíveis: “É difícil entender o porquê da necessidade de visitar Auschwitz. Deveria se tratar de uma experiência documental, informativa, mais do que emocional. (...) E ver, estar no lugar, imaginar o local da pedra sendo carregada, esfria a alma para sempre. Ela não quer mais ir para lá” (JAFÉ, 2012, p.113). A necessidade do memoricídio imposta pelos nazistas é também a necessidade da peregrinação das outras gerações. *Imagens, apesar de tudo?* Sim, mas não para os sobreviventes: “(Ela) não quer ver filmes sobre a guerra, ler livros sobre a guerra, escutar pessoas falando dela” (JAFÉ, 2012, p.113).

Whether family pictures of a destroyed world or records of the process of its destruction, Holocaust photographs are the fragmentary remnants that shape the cultural work of postmemory. The work that they have been mobilized to do for the second generation, in particular, ranges from the indexical to the symbolic, and it is precisely their slippage within this range that needs to be scrutinized. In his controversial recent book *Images malgré tout* (2003a), the French art historian Georges Didi-Huberman describes the double regime of the photographic image. In it, he argues, we simultaneously find truth and obscurity, exactitude and simulacrum. Historical photographs from a traumatic past authenticate the past’s existence, what Roland Barthes calls its “ça a été” or “having-been-there,” and, in their flat two-dimensionality, they also signal its insurmountable distance and “de-realization”. Unlike public images or images of atrocity, however, family photos, and the familial aspects of postmemory, would tend to diminish distance, bridge separation, and facilitate identification and affiliation. When we look at photographic images from a lost past world, especially one that has been annihilated by force, we look not only for information or confirmation, but also for an intimate material and affective connection. We look to be shocked (Benjamin), touched, wounded, and pricked (Barthes’s punctum), torn apart (Didi-Huberman), and photographs thus become screens-spaces of projection and approximation and of protection. (HIRSH, 2008, p.116)

Noemi Jaffe, ao discorrer sobre a raiva e talvez perdão, coloca em xeque o que recebeu de sua mãe e o que leu na literatura de testemunho, já que não compreende como sua mãe é capaz de perdoar, esquecer e não odiar. Outros autores

e sobreviventes, por exemplo não conseguem se desvencilhar desse sentimento comum. “*Eu não tenho raiva de ninguém. Nem dos nazistas. A supressão da raiva deve fazer parte do processo cirúrgico do esquecimento*” (JAFJE, 2012, p.116). Assim a imagem que a segunda geração recebe, lê e tenta entender é sempre distorcida por outros relatos:

What, with this precious image, is the narrator actually receiving? Even for the familial second (or 1.5) generation, pictures are no more than spaces of projection, approximation, and affiliation; they have retained no more than an aura of indexicality. For more distant affiliative descendants, their referential link to a sought-after past is ever more questionable. (HIRSH, 2008, p.119)

Nesta segunda parte, portanto, a segunda geração apresenta sua voz, aflita, angustiada, perdida, porém compreendendo a sua responsabilidade enquanto representante de uma geração (e progenitora de outra).

Terceira Geração

A terceira geração, aqui representada pelas breves, mas importantes palavras de Leda Cartum apresenta aspectos fundamentais, e ainda pouco estudados, em relação ao legado e recepção da Shoah nessa era contemporânea do pós-testemunho. Ao escrever sobre suas sensações, lembranças e memórias, Leda Cartum encerra seu texto da seguinte forma: “é preciso sentar-se e ler as palavras da minha avó. É preciso conhecer estas palavras que guardam, cada uma, uma verdade que não conhecemos – e que no entanto apalpamos, apalpamos e não sentimos nada” (JAFJE, 2012, p.237). Se por um lado Lili Jaffe sentiu em seu corpo frio, fome, dor, desgraça, desesperança, e, em alguns momentos, quase se transformou numa *muçulmana*, por outro lado sua neta pouco sentiu. Se por um lado Noemi Jaffe perscrutou o entendimento da sua própria dor em relação à dor de sua mãe, buscou compreender certas características e sensações atípicas, e pode sentir a própria angústia pela proximidade escancarada, todos os dias, da catástrofe de Auschwitz, à Leda Cartum (e a todos aqueles que não foram personagens atuantes, da segunda geração e da geração 1.5 também da Shoah) restou apenas a procura pela leitura do intangível das palavras e de suas remotas dores.

Noemi e Lili Jaffe testemunham a própria pele exposta, a dor que não dorme com as palavras, com o silêncio, nem, tampouco, com o sonho dos cegos. Leda Cartum relata, talvez, o sentimento de toda uma geração perdida em meio aos testemunhos, às imagens e aos filmes sobre a Shoah. A neta se encontra no limiar da mudança, das transformações e da dissipação dos acontecimentos da grande catástrofe. Ao ler, estudar, pesquisar a Shoah, a humanidade começa a entender, através do distanciamento, que a Segunda Guerra não foi um crime apenas contra o povo judeu – fato de que

os sobreviventes e a segunda geração não conseguem se desvencilhar (por estarem completamente atados, embora racionalmente muitos possam entender), mas um crime contra a humanidade.

Leda Cartum, em sua busca pela compreensão, recorre em seu texto ao testemunho de Ruth Klüger, e a muitos teóricos, críticos, historiadores e sobreviventes. A terceira geração, portanto, mistura o próprio legado ao legado da humanidade. Essa representação um pouco ficcionalizada mostra muita dessa perda que se esvai com o tempo.

The texts produced by the third generation are linked by a number of characteristics and themes. Their fiction regularly refers to and incorporates events from the Holocaust, but it also balances and counters these references with other narrative strategies or counterpoints. While for first- and second-generation Holocaust writers the historical experience “conveys” a sense of immediacy and impact, the third-generation writer views these events as an indirect part of the narrative, one balanced by other, also important, histories. (LANG, 2009, p.44)

Assim, torna-se necessário um estudo mais aprofundado da terceira geração, que, a meu ver, se preocupa mais com a questão humanitária e a dos motivos e inquietações pela perpetuação das histórias da Shoah, mas que conserva pouco, muito pouco do sentir da geração dos sobreviventes e da segunda geração. As limitações dos descendentes mais longínquos se tornam explícitas e faz com que surja uma pergunta pelo *après*, pelo *depois*.

My notion of a third generation of Holocaust writers provides an etiology for this difference: it is accomplished as the representation of the Holocaust becomes indirect rather than direct, and so is not subject to the same sort of analysis. Readers can account for the reason behind this shift: the historical distance among contemporary authors, their audience and the Holocaust transforms these events from a direct experience, the experience of the eyewitness, or even the experience of those closest to them, their children, to an indirect experience. These stories resonate less with the explicit style captured by, for example, Bellow, Wallant and Ozick, and instead imagine the Holocaust in relation to other chosen historical events. The Holocaust is portrayed by this third generation Holocaust fiction in ways both explicit and obscured, and both as a memorial and a method. (LANG, 2009, p.45)

A marca da terceira geração seria, portanto, uma representação indireta da Shoah, uma releitura dos textos testemunhais:

If the struggle of second-generation writers of the Holocaust involves repopulating a void of memory, the struggle for third-generation Holocaust writers lies in

crossing not one but two gaps, that of experience and that of memory. In order to imagine the Holocaust, third-generation writers both rely on text and imagine text. In short, third-generation writers work to represent a text of the text. (LANG, 2009, p.48)

A terceira geração herda algo que não entende. Perscruta muito, mas se reconhece longínqua e, ao mesmo tempo, inserida e profundamente marcada pelo Evento: “Não se pode perder, é preciso lembrar, é preciso segurar-se nesse movimento misterioso que faz a lembrança, sobretudo a lembrança do que não vivemos e que no entanto carregamos” (JAFÉ, 2012, p.237). O não perder é possível através dos escritos e também da convivência, agora um tanto distante do entendimento das memórias traumáticas e inventadas por outras gerações. Assim se preserva e se perde a terceira geração:

The use of the Holocaust in a popular and contemporary context informs not only the characters themselves, but also the novel's style and tone, all of which serve to emphasize its position as a post-Holocaust, postmodern text. History and imagination, the gap separating them and the bridges built to connect them, define third-generation Holocaust literature in general. (LANG, 2009, p.52)

O que resta? O que ainda é marcado, nesse olhar fatigado da terceira geração? Um campo que vai se limpando, se tornando mais suave, mas um pouco perdido: “Ser neta de sobreviventes é ter uma relação indireta com este sofrimento que possibilitou a minha existência. Porque há entre mim e o sofrimento um intermédio, alguém que já desbravou o mata-gal sórdido do trauma: nasci numa clareira, o terreno limpo e pronto, bem cuidado, porque meus pais se encarregaram de tirar as ervas daninhas, arar a terra, semear” (JAFÉ, 2012, p.234).

Assim Leda Cartum, como toda uma geração, se vê perdida e bombardeada por imagens, filmes e relatos em busca da preservação e perpetuação da memória herdada: “ver a guerra nos filmes, por mais dolorido que seja, é de alguma forma uma alívio para quase todos os que não a viveram: aquilo que era real ganha a dimensão confortável da ficção, e por isso parece externo – como se a guerra dos filmes atualizasse a guerra que foi real, e por isso de alguma forma a anulasse. Um filme sobre Auschwitz nos ajuda a ter uma ideia do sofrimento inconcebível que passaram as pessoas que estavam ali” (JAFÉ, 2012, p.236).

O que Auschwitz representaria para as gerações vindouras? Será que esse é o marco que identifica (e identificará) os judeus? “O judaísmo que foi crime e proximidade da morte para meus avós, que foi identidade constitutiva para meus pais, para mim subsiste e se mantém sempre um pouco deslocado em relação às outras coisas. Não é mais a marca de um povo, não me marginaliza nem exclui; passa a ser antes uma presença que é preciso sustentar para que continue firme

enquanto afirmação do passado da minha família, e por isso, da minha própria história” (JAFÉ, 2012, p.235). Como pensar no legado de todos nós, cegos que persistem em sonhar?

Até quando os cegos continuarão sonhando?

Quais são as palavras que ela esqueceu? Um dia, ao telefone, ela, que gosta de ficar imaginando situações, perguntou à filha: “Filha, o que os cegos estão sonhando?” (...) “Sim! O que eles estão sonhando se eles não enxergam? Como podem ver imagens nos sonhos?” (...) Houve a Guerra, houve o exílio, o sofrimento, tudo. Mas esse passado, o que houve e que não é negado, mas esquecido, se mistura, em sua memória, a um disposição perene para o presente, sem o domínio perfeito da gramática, mas como uma apropriação deslocada, em que a percepção das coisas importa mais do que as coisas mesmo (JAFÉ, 2012, p.183).

A pergunta de Lili Jaffe pode ser interpretada de várias formas: O que meus filhos e minhas netas estariam sonhando acerca do meu diário? O que estariam sonhando vocês todos, que não estiveram em Auschwitz, que não sentiram dor, frio, medo e a morte caminhando diariamente ao seu lado? Seria o legado da Shoah a cegueira e o esquecimento?

Neste artigo entendemos como as percepções variam e se dissipam ao longo do tempo. O jovem sobrevivente, traumatizado, quer esquecer, precisa esquecer, mas suas ações e sensações estão entrelaçadas e perpetuamente ligadas à Shoah. A segunda geração, que remonta e reconstrói suas memórias da infância, juventude e de toda uma vida recebe, de alguma forma essa culpa, essa dor, essa *post-memory*, e busca entendimento, conhecimento, explicação. Mas, ao mesmo tempo, se perde para se preservar e por isso tenta proteger seus descendentes da dor e culpa que sente. A jovem terceira geração se funda na ficção, nos relatos e sentimentos longínquos que pouco recebem, mas continuam buscando. O livro, portanto, relata momentos, lembranças e reinvenções das mais variadas idades e momentos vividos pelas três personagens.

Pergunto, portanto, até quando nós, os cegos, continuaremos sonhando? Se pensarmos com base no passado, essa pergunta já teria uma resposta. Pois: até quando os descendentes e a humanidade continuou sonhando, e recebendo, a terrível Inquisição? Até quando as gerações convertidas forçosamente continuaram guardando alguma lembrança de suas origens? Até qual geração dos descendentes dos torturados em guerras, ditaduras, catástrofes, continuam, ou continuaram sonhando? O estudo, a pesquisa e a preocupação pela perpetuação da memória da Shoah, portanto, se tornam de fundamental importância no mundo atual.

Bibliografia

- COUTINHO, Fernanda; FUX, Jacques. "O diário de Rutka - Infância, Vestígios, Lembranças" In: *Cadernos do IL (UFRGS)*, v. 47, p. 218-230, 2013.
- BERGER, Alan L. and BERGER, Naomi (org). *Second generations voices: reflections by children of holocaust survivors perpetrators*. New York: Syracuse University Press, 2001.
- HIRSCH, Marianne. "The Generation of Postmemory". In: *Poetics Today* 29:1 (Spring 2008)
- GAGNEBIN, Jeanne. "Orelha". In: *O que os cegos estão sonhando?* São Paulo: Editora 34, 2012.
- JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?* São Paulo: Editora 34, 2012.
- FUX, Jacques. "W ou o testemunho da infância". In: *Letras de Hoje*. v. 48, p. 459-466, 2013.
- LANG, Jessica. "The History of Love, the Contemporary Reader, and the Transmission of Holocaust Memory". In: *Journal of Modern Literature*, Vol. 33, No. 1 (Fall 2009), pp. 43-56.
- SULEIMAN, Susan Rubin. *Crises of memory and the Second World War*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.